

PENTAGRAMA

TEMA DESTE NÚMERO:

TESTEMUNHOS DE PEDRA

Os bogomilos sabiam que o ser humano pode tornar-se um Theotokos: um ser capaz de gerar Deus de si mesmo.



SUMÁRIO

- 2 VESTÍGIOS DA LUZ ÀS MARGENS DO TEMPO
- 5 *EX ORIENTE LUX* – DO ORIENTE VEM A LUZ
- 8 UM CRISOL DINÂMICO
- 13 UM ENIGMA DO ORIENTE
- 16 UMA PÉROLA DE LUZ NA CORRENTE DA FRATERNIDADE UNIVERSAL
- 19 BOGOMILO, VOZ DOS INJUSTIÇADOS E DOS OPRIMIDOS
- 22 TESTEMUNHOS DE PEDRA
- 26 A ORIGEM DO MAL
- 32 EM BUSCA DO PÁSSARO DE OURO
- 37 A OBRA DE PETER DEUNOV

ANO 28 N° 4
AGOSTO 2006

Ao lado: cemitério com 133 estelas em uma necrópole em Radmilja (Stolac), Herzegovina. Capa: Fragmento de uma pintura tumular de 250-225 a.C., com ilustrações dos mistérios dionísicos em Muglitzh, Kazanluk, Bulgária. © *TheThracians*, A & V. Fol, 2005.

VESTÍGIOS DA LUZ ÀS



A energia das ondas tem sua origem em longínquas correntes marinhas, que os olhos de quem caminha pela praia não conseguem avistar. Cada onda resulta da ação do mar, do vento, da lua e de outras influências naturais. Com as conchas, pedaços de madeira e seixos que lançam na praia, as ondas criam ricos arabescos, ao redor dos quais a areia vem se depositar. Quando o sol, na manhã seguinte, se ergue sobre a superfície cristalina do mar, são esses vestígios na areia que nos permitem reconhecer a marca deixada pelas ondas na noite anterior. É assim que as culturas e os impulsos trazidos uns após outros pelo oceano infinito do tempo se difundem e se extinguem. Como uma criança brincando com as conchas na praia, ainda podemos, em nossos dias, encontrar esses vestígios...

MARGENS DO TEMPO

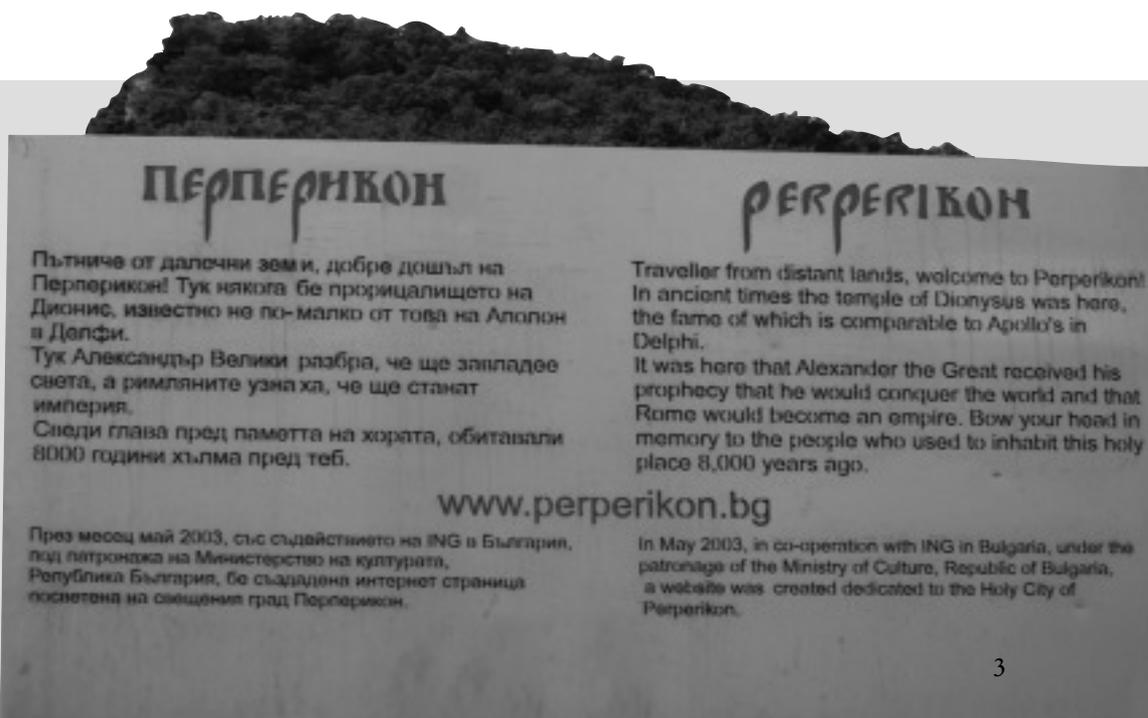
À esquerda: Às margens de um lago nos montes Rila, Bulgária. Abaixo: Painele informativo em Perperikon, onde as ruínas de um palácio romano marcam o local do oráculo. Nesse mesmo local, Orfeu foi venerado como “curador do corpo e da alma”.

“A tolerância é uma virtude mais social do que religiosa”, afirma Steven Runciman, especialista em história dos bogomilos. “Uma atitude tolerante em relação às crenças alheias contribui sem dúvida para uma sociedade harmoniosa; porém essa atitude é impossível para os que possuem uma forte convicção religiosa. Porque quando estamos convictos de ter encontrado a chave e o sentido supremo da vida, não conseguimos admitir que nossos irmãos continuem tateando às cegas na escuridão. Podemos reconhecer que, mesmo sem essa chave, eles possam conduzir suas vidas de maneira virtuosa e admirável, mas seu fardo será, a nosso ver, desnecessariamente pesado; é nosso dever ajudá-los a encontrar o verdadeiro caminho e mostrar-lhes a luz que os libertará. As opiniões divergem quanto à natureza da ajuda que deve ser prestada: se a persuasão pacífica e um exemplo lumino-

so, ou a espada e o auto-de-fé.” O autor conclui que “nenhuma pessoa religiosa de fato aceita abandonar um descrente à própria sorte”.

Poderíamos acrescentar que, quando outros interesses como poder, prestígio e riqueza começam a desempenhar seu papel, essa convicção religiosa se torna ilegítima. Então, muitos indivíduos e até mesmo populações inteiras são sacrificados, territórios são devastados e reduzidos a cinzas, cidades são arrasadas.

Esse foi o pano de fundo do drama dos bogomilos, denominação coletiva de vários grupos, bastante diferentes entre si, que tinham em comum a aversão por um sistema religioso centralizador que sufocava sua vivência individual da espiritualidade e aniquilava sua liberdade pessoal. O período histórico a que nos referimos é designado com razão como “a idade das trevas”. Em



decorrência da arbitrariedade política e da mobilização fanática, movimentos como os paulicianos, os bogomilos, os patarinos e os cátaros foram sistematicamente perseguidos, entre os anos 717 e 1244, e aniquilados. É surpreendente que, a cada nova onda de violência, ainda se ouvisse o antigo brado contra os “maniqueístas” — o grito de medo da aliança secular entre Igreja e Estado, que temiam perder seu poder e influência.

IGREJA GNÓSTICA UNIVERSAL

Esse espetáculo foi presenciado pela humanidade repetidas vezes. No século II, Marcião fundou uma igreja gnóstica universal, que pregava o conhecimento das duas ordens de natureza. Dezenas de milhares de pequenas igrejas foram destruídas na tentativa de apagar qualquer lembrança da vida original. A seguir, foi a vez de Mani, o apóstolo persa de Jesus. Entre os séculos III e VI, seus discípulos se disseminaram por grande parte da Europa, da Ásia e até mesmo da China. Eles também foram exterminados. Desde então, todos os grupos heréticos são chamados de maniqueístas.

As relações entre Mani e sua Igreja de Luz e os bogomilos são comprovadas por dois fatos históricos: os escritos gnósticos remanescentes, que foram preservados até os dias de hoje, e as tradições vivas, certamente malvistas pela Igreja oficial, que resistiram à queda do império greco-bizantino. Os messalianos, por exemplo, davam grande valor à iniciação e ao preceito de uma vida pura. Na melhor tradição gnóstica, eles se denominavam “portadores do Espírito” ou *pneumatistas*. Outra tradição viva foi a preservada pelos discípulos de Paulo de Samósata*, que se tornaram conhecidos como paulicianos. Paulo de Samósata ensinava que todos os seres humanos possuem o mesmo princípio divino em comum, e que homens e mulheres devem desempenhar papéis de igual importância

tanto nos serviços religiosos como na sociedade.

As marcas deixadas às margens do tempo não são de leitura fácil. Muitas das que não foram entalhadas na pedra desapareceram para sempre. Observamos, com nosso olhar contemporâneo, a difícil convivência entre povos antigos que nos deixaram testemunhos escassos e de difícil interpretação. Nossa compreensão da História é limitada por nosso estado de consciência atual, pelas normas em geral hoje aceitas, pelos juízos de valor, regras de comportamento e tabus.

O cristianismo original traz, a cada época, um ensinamento vivo e atual, uma filosofia que dá testemunho da luz e pode ajudar os que buscam a verdade a encontrar o caminho de retorno à origem divina. É importante salientar que nenhuma perseguição religiosa jamais impediu que esses ensinamentos voltassem a se manifestar. Eles renascem através dos tempos, pois emanam da profunda intuição e sensibilidade dos que se dispõem a recebê-los. Para tanto, o conhecimento histórico é irrelevante.

Os vestígios desses “ensinamentos da Luz” encontrados na areia podem nos revigorar. Eles fortalecem nossa ligação com os inúmeros homens e mulheres que nos precederam. Por mais triste que seja sua história, sentimos alegria e esperança quando reconhecemos que o mundo divino não nos abandona, que sempre renova seu chamado, e que várias fraternidades gnósticas — e muitos indivíduos — já responderam a esse chamado.

* Não confundir com o apóstolo Paulo, que escreveu as epístolas da Bíblia.

BIBLIOGRAFIA:

- Runciman, S., *The Medieval Manichee: A Study of the Christian Dualist Heresy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1947.
- Obolensky, D., *The Bogomils: A Study in Balkan Neo-Manichaeism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1948.

EX ORIENTE LUX – ORIENTE VEM A LUZ

“Quando surgirá a aurora?

O nascimento do dia em que a humanidade
haverá de se voltar para a luz interior;
a luz da verdade? Quando tiver vontade...?
Mas, enquanto espero, quero me esforçar
como se esse dia já tivesse chegado.”

Assim falava Zoroastro, também conhecido como Zaratustra. Colocadas em seu contexto histórico, podemos dizer que no momento em que essas palavras foram ditas um impulso de Luz tocou a humanidade outra vez. Esses impulsos produzem, de forma cíclica, desenvolvimentos na humanidade, bem como o surgimento de ondas de vida, sua eflorescência e seu desaparecimento.

OS PROTO-BÚLGAROS

Os grandes sábios da Índia e do Egito fizeram o possível para ajudar a humanidade em seu progresso para a luz. No decorrer dos tempos, foi sempre o mesmo impulso que se propagou da Ásia central até a Europa meridional através da Ásia Menor, da Arábia, da Caldéia e da Pérsia. A história das estepes asiáticas, os altos e inacessíveis platôs com seus abismos profundos nos confins da Índia, da China, da Mongólia e da Sibéria, é ainda bastante nebulosa, porém esca-

vações arqueológicas vêm revelando cada vez mais os seus segredos.

O caminho para a Europa seguido pelas tribos búlgaras primitivas ou proto-búlgaras costeia as altas cadeias de montanhas. Primeiro o Altai, cujos contrafortes dominam o deserto de Gobi. Considerado o coração espiritual da terra, o Gobi encerra muitos enigmas. Dizem que ele é a fonte de todos os impulsos espirituais. Parece que as pessoas oriundas de sua esfera de influência estão encarregadas de preservar uma herança especial.

Crônicas muito antigas mencionam a existência de tribos nômades vindas da Ásia central, bastante desenvolvidas espiritualmente e que trouxeram um ensinamento às populações que com elas entraram em contato, ajudando-as a aproximar-se do caminho, oferecendo-lhes novas possibilidades de iluminação e de fraternidade.

Esses nômades e semi-nômades não conheciam, na época, nenhuma fronteira. Os proto-búlgaros consistiam numa união livre de tribos semi-



nômades. Eram guerreiros ágeis e corajosos, e seu território estendia-se até o imenso semi-círculo rodeado pelos altos maciços da Sibéria oriental (o Altai), da China e da Índia (Pamir e Inducuche).

Os nomes de lugares e de tribos como Búlgaro, Bugu, Bulgan e Bulkor, ainda ali existentes testemunham a ocupação inicial desses espaços pelos proto-búlgaros, nome que significa algo muito próximo a “misturas” ou “misturado”. Mas, o que foi misturado?

Os escritos antigos nos ensinam que as tribos búlgaras migraram primeiro para a Índia. Os proto-búlgaros descendiam das populações arianas originárias das estepes do Afeganistão e da Rússia meridional que tinham alcançado o vale do Indo pelo lendário desfiladeiro de Khyber no Inducuche. Ao final do século VI, eles haviam decidido retornar para o oeste. Bem antes, outras tribos das estepes também haviam atravessado o Casaquistão e o Turcomenistão; através da Pérsia eles teriam chegado ao Cáucaso e às regiões baixas do Volga (nome derivado de *bulgar*) e teriam contornado o Mar Negro para chegar aos Bálcãs, onde está localizada a Bulgária atual.

A ROTA DA SEDA

Já há muito as vias de comércio ligavam o Oriente Médio e o Extremo Oriente através das estepes da Sibéria asiática. Os proto-búlgaros eram pessoas livres que mantinham trocas comerciais e culturais intensas com seus vizinhos. Estavam abertos a



outros modos de vida e a novas correntes de pensamento. Eles se misturaram de múltiplas maneiras com os povos à sua volta e integraram a herança das antigas raças, trazendo-a consigo em sua marcha para o oeste e a Europa. Essa é uma das vias pelas quais os antigos impulsos maniqueus e gnósticos encontraram, nos séculos VI e VII, uma passagem para o Ocidente. Na Europa, o pensamento foi influenciado por eles de modo considerável, ainda que por meios bastante indiretos.

No decorrer dos séculos seguintes os búlgaros continuaram sua prática de abertura a outros povos; construíram cidades, fundaram estados. Poderosos reinos surgiram (Cáucaso, embocadura do Volga, Trácia). Da fusão das tribos eslavas da Bulgária do



Antigas colônias búlgaras, entre 700 a.C. e 700 d.C., e migração das populações que se instalaram na Trácia, “o país da luz do Espírito”, entre 2000 e 1000 a.C.
 © The Thracians, A. & V. Fol, 2005.

Norte e dos proto-búlgaros que, a partir do ano 679, se estabeleceram na embocadura do Danúbio, formou-se o povo búlgaro, que, tornando-se sedentário, fundou uma cidade e acolheu a cultura greco-bizantina, bem como o cristianismo.

A cultura das estepes conservou-se na aristocracia militar. Seu talento em matéria de governo e de diplomacia pode ser atribuído à tolerância espiritual que os anima. Em todos os escritos, dá-se ênfase à sua capacidade de integrar as diversas correntes e de utilizá-las. Essa é a razão pela qual a Bulgária sempre atrai os grupos perseguidos por seus governos por motivos religiosos. Fiéis ao significado de seu nome, os búlgaros acolheram também em seu reino as comunidades cristãs. A mescla de correntes dualistas mani-

quéias e as primeiras formas do cristianismo constituíram, nos Bálcãs, um terreno propício ao florescimento da cultura dos bogomilos, homens apaixonados pela liberdade e que aspiravam ao reino interior do Espírito.

FONTES:

Kutzli, R., *Die Bogomilen*. Stuttgart: Verlag Urachaus, 1977, p. 130.
 Rijckenborgh, J. van e Petri, C. de, *A Fraternidade de Shamballa*, 2ª ed. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1982.
 Rijckenborgh, J. van, *Christianopolis*. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1985.
 Fol, A., *The Bulgarians Atlas*. Sofia: Tangra, 2001, p. 46.
 Zimmer, H., *Philosophie und Religion Indiens*. Frankfurt: Suhrkamp, 1973, p. 130.

UM CRISOL DINÂMICO

A lembrança de um dia com o brilho áureo...

outrora, em um outro mundo!

Que sabemos nós sobre a Trácia, o país de Orfeu, que amansava os animais selvagens ao som de sua lira de sete cordas, esse rude país de montanhas semeado de tesouros de ouro e prata, ao norte da Grécia, onde nasceu Dionísio, o deus estranho, o deus da inspiração e do êxtase, região venerada pelos homens pré-históricos como a mãe-montanha sagrada?²

Que sabemos, ainda, dos mistérios de Dionísio, onde se cantava: “Sê-nos propício, tu que exaltas a feminilidade. Nós, os cantores, cantamos-te ao termo de nossas provas. Que aqueles que te esqueceram jamais entoem teu hino sagrado! Adeus, pois, Dionísio, tu que habitas com tua mãe Sêmele, chamada Tione pelos homens...”?

OS TRÁCIOS

Para os antigos gregos, a Trácia era o país da sabedoria, pois o norte marcava-lhe a direção. Ali, Dionísio, o filho da Deusa-Mãe, guardava o conhecimento da união entre a natureza, os deuses e os homens. Ele e Apolo representavam o “Filho” divino. Apolo, o ser solar, e Dionísio, a terra divina, eram unos com a esfera do sol.

A Trácia, por volta de 4000 anos antes de nossa era, compreendia então a região em que hoje estão a Bulgária, a Romênia, o norte da Grécia e a Turquia. Orfeu, filho do deus sol Apolo, e um dos fundadores dos mistérios

cristãos, era originário da Trácia. Esse músico, cantor e mensageiro, havia fundado, há milhares de anos, uma religião em que estava contida a idéia consoladora do renascimento após a morte. Ele é mencionado pela primeira vez no século VI antes de Jesus Cristo, pela expressão “o ilustre radiante”, epíteto que reflete uma tradição oral muito antiga. Os mistérios e seus costumes precederam de maneira direta os cultos em que o pão e o vinho simbolizavam a exaltação, a iluminação espiritual, e tinham como meta inicial pôr os seres humanos em condição de participar dos elementos universais fundamentais: os éteres puros da natureza superior.

Existem semelhanças notáveis entre o mito de Dionísio e o mito egípcio de Osíris. Dionísio é sacrificado, assim como Osíris. O corpo de Osíris é desmembrado e escondido no Nilo, o rio da vida; da mesma forma, Dionísio era “sempre” dilacerado por suas próprias sacerdotisas e seu espírito solar espalhado sobre as colinas, os vales e as montanhas para que ele renascesse.³ Quanto a Orfeu, após sua morte, sua mensagem mergulhou por longo tempo no silêncio, no decorrer do qual se formou a terra nutriz de onde evoluíram de forma progressiva as concepções míticas da Grécia e da Pérsia.

Desde a Antigüidade, os mistérios de Dionísio foram qualificados de mistérios órficos, e se propagaram, a partir do século II a.C., de Creta até a

As doze listras douradas na face direita da grande Deusa-Mãe eram representadas na tatuagem que cada sacerdote das mênades usava como símbolo de sua ligação com o destino de Dionísio.
Ca. 400 a.C.
© The Thracians, A. & V. Fol, 2005.



Acima: Cavaleiro/herói; Fragmento de um sistema de 23 partes que representa o mito dionísico de iniciação.

Centro abaixo: O cervo, desde os tempos dos mistérios de Dionísio, tem sido o símbolo notável do filho do sol; e somente o cavaleiro/rei/sacerdote pode ferir esse animal. Ele é o símbolo do sacrifício de Dionísio, o filho do sol, dilacerado para que a terra possa viver. Centro acima: a Deusa-Mãe coroa o cavaleiro/herói.





Trácia, da Ásia ocidental até a Macedônia. Esses mistérios provocaram um sentimento de “entusiasmo” nas massas e uma experiência vivente de “êxtase” nos iniciados. A massa esperava que esse entusiasmo, ou exaltação, a purificasse e a libertasse do mal. Os iniciados sabiam que ao se elevar até o “conhecimento” espiritual absoluto tornar-se-iam imortais. Para tanto, eles observavam as regras que exigiam estrita abstinência.⁴

Foi na Pérsia que Zaratustra, ou Zoroastro, difundiu o ensinamento da “luz vitoriosa sobre as trevas”; Dionísio reviveu os mistérios gregos e Elêusis ligou os *mystæ* à força do Espírito.⁵ Não foi à toa que a Trácia foi então chamada de “país de luz dos gregos”. É possível que na esfera etérica dessa grande região tenha sido conservada a lembrança das escolas de mistérios da pré-história, sob a forma de forças magnéticas latentes à espera da hora de uma nova manifestação. Durante milhares de anos esse país que intermedeia entre o leste e o oeste tem sido um verdadeiro crisol onde se misturam culturas variadas.⁶ O comércio e as numerosas guerras, pequenas e grandes, estimularam os processos interculturais misturando populações e concepções espirituais de todo tipo. A sabedoria persa e a caldaica, e inclusive as doutrinas budistas, aí se ligaram à sabedoria da Grécia e da Ásia menor.⁷ Mesmo os druidas celtas aí deixaram as marcas de sua passagem e, por fim, a Grécia e depois Roma agregaram a Trácia a seu império.

UM VERDADEIRO CRISOL

No começo da era cristã, os nômades asiáticos vindos das estepes e possuidores de certas noções espirituais

misturaram-se de forma pacífica aos habitantes da Trácia. Nos séculos VI e VII os proto-búlgaros e os uígures do Cáucaso e da embocadura do Volga se amalgamaram à população local, trazendo consigo novas estruturas administrativas, bem como o cristianismo maniqueu, ao qual estavam ligadas diversas camadas sociais. As tribos eslavas chegaram do norte e aí também se instalaram. Foi então que no século VII os búlgaros fundaram um poderoso império, e que o crisol se transformou rápido em um império grandioso em razão, sem dúvida, de uma política inteligente que se apoiava na tolerância. Centenas de anos depois, os paulicianos, armênios expulsos da Turquia, aí encontraram um refúgio onde suas concepções gnósticas se difundiram rápido de múltiplas formas.⁸

Essa vista geral deixa claro que a Trácia, o país de Orfeu, foi um lugar importante para o desenvolvimento espiritual da Europa, ponto pouco esclarecido na história. Aí foram, portanto, inscritos nos seres humanos os impulsos espirituais dos períodos antigos. Nessas condições, tendo herdado uma propensão à autonomia e à liberdade, essas populações entreviam de forma clara a profundidade da gnosia cristã e afastavam-se da história de Jesus ensinada por Roma. Sua alma era capaz de compreender os mistérios de Cristo. Contudo, sua mentalidade de livres pensadores suscitava conflitos intermináveis com os poderes políticos e religiosos que temiam, não sem razão, perder sua autoridade.

A Bulgária encontrava-se, pois, sob a influência de um cristianismo que não procedia nem de Roma nem de Bizâncio, mas das classes inferiores que haviam permanecido em contato com as correntes gnósticas. No sécu-

lo IX, muitos escritos religiosos, entre outros a Bíblia, foram traduzidos na língua do país e tornaram-se acessíveis a todos, sendo esse um fato notável, pois ao povo era proibido ler a Bíblia, sendo essa uma leitura reservada aos sacerdotes...

Quando, no ano 864, o cristianismo oficial foi ali introduzido, uma grande defasagem surgiu entre a religião vivente seguida pelas pessoas que sustentavam a população de todas as maneiras possíveis e a nova Igreja do Estado, da qual eles rejeitavam a tutela espiritual. Surgiu daí um movimento taxado por Roma de “contra-Igreja”, movimento que seguiu, corajoso e sem compromisso, o caminho do conhecimento interior. Esse movimento foi organizado de maneira muito livre na forma de uma fraternidade⁹ e se difundiu em todo o sul dos Balcãs, e para muito além. Mas o que dava a essa gente a coragem de resistir às ameaças da Igreja e às medidas restritivas do Estado? Eles eram chamados bogomilos, “amigos de Deus”. Qual era sua fé e por que ela era perigosa para a Igreja e o Estado? Os bogomilos, conscientes da decadência do mundo, sabiam que o verdadeiro conhecimento pode apenas provir de uma total liberdade interior, e que apenas essa liberdade engendra o amor incondicional de todas as criaturas.

O amor que tudo engloba era a primeira e absoluta condição do cristianismo praticado pelos gnósticos que procuravam o campo de vida original do homem,¹⁰ o “reino divino”. Esses gnósticos não aceitavam, portanto, ser dirigidos pelos representantes da Igreja oficial, em especial porque estes últimos davam o exemplo de um comportamento oposto àquilo que pregavam.

Como os “amigos de Deus” se apre-

Três lugares santos.

No alto: entrada do santuário de pedra de Tangardik Kaya em Kurdjali. É a gruta onde eram venerados a “Grande Deusa-Mãe e seu Filho, o Sol”. O santuário também era um observatório astronômico para a determinação dos solstícios de verão e inverno.

No centro: o assento do oráculo de Orfeu em Perperikon na fronteira entre a Bulgária e a Grécia. © Pentagrama.

Embaixo: degraus esculpidos na rocha, datando de mais de três mil anos, levam aos lugares de oferenda, na vila de Orcheva, distrito de Kurdjali, onde havia locais de banhos rituais – precursores do batismo cristão. Tendo a primeira escada se desgastado pelo uso, uma nova foi esculpida na rocha.

Fotos 1 e 3: © *The Thracians*, A. & V. Fol, 2005.

A obediência



Para alcançar-se ao mais elevado degrau da escada é preciso escutar a voz interior a fim de encontrar a si mesmo.

Para poder escutar interiormente, fecha-te às sonoridades que vêm de fora.

BIBLIOGRAFIA: ver p.30

sentavam na forma de um grupo independente, Roma e Bizâncio sentiram-se ameaçados e acabaram por condenar essa crença vivente taxando-a de “heresia búlgara”. Perseguições e extermínios tiveram início logo em seguida. O reino búlgaro enfraqueceu no decorrer desses acontecimentos, e, no século XIV, ele foi por fim atacado e conquistado pelos turcos que, de assalto, converteram grande parte da população ao islã.

Na Bulgária atual, ressoam ainda os ecos da espiritualidade dos bogomilos na forma de costumes e de práticas tradicionais dos quais ainda é possível ver traços nos campos. Os bogomilos, submetidos a experiências dolorosas, viram-se, com efeito, numa incerteza permanente quanto a sua habitação, seu trabalho e sua existência. Em razão do caminho que seguiam, eles agitaram e influenciaram bastante os meios religiosos e culturais dos Bálcãs, bem como toda a Europa, por diferentes vias.

Em nossos dias a agitação ganha o mundo inteiro, que se tornou um crisol. As experiências milenares de numerosas civilizações foram gravadas em nós e a lembrança de sua sabedoria interior pode ressurgir caso nosso campo de respiração seja estimulado de modo suficiente. Os choques no

mundo atual, onde quer que eles aconteçam, cuidarão para que isso suceda. O mundo torna-se cada vez menor, os seres humanos sentem-se sempre mais ligados uns aos outros, e muitos dão provas de que, tendo aprendido as lições do passado e do presente, estão prontos a se abrir a novas experiências.

BIBLIOGRAFIA

- 1 Rainov, N., *In land der Geister und Dämonen*. Bulgária: Sofia, 1980.
- 2 Fol, A. e Fol, V., *Die Thraker, Das foldene Reich des Orpheus*. Mainz: Phillip von Zabern, 2004.
- 3 Idem, p. 323.
- 4 Schelling, F.W.J., *Philosophie der Offenbarung*. Stuttgart: Cotta'scher, 1958.
- 5 Fol, A. e Fol, V., *The Thracians*, Tangra Tan NakRa, All Bulgarian Foundation, 2005.
- 6 Ament, H., *Frühe Völker Europas*. Stuttgart: Konrad Theiss, 2003.
- 7 Papasov, K., *Christen oder Ketzer, die Bogomilen*. Stuttgart: Ogham, 1983.
- 8 Idem, p. 19.
- 9 Idem, p. 112.
- 10 Ivanov, J., *Livres et Légendes Bogomiles*. Paris: Maisonneuve et Larose, 1976.



UM *enigma* DO ORIENTE

Sete filhas tinha a serpente.

*A primeira dorme feito uma pedra –
ela nada vê.*

*A segunda ainda dorme profundamente –
ela vê brumas multicores.*

A terceira vê sonhos e imagens longínquos.

A quarta vê tudo o que a cerca.

A quinta vê as almas.

A sexta vê os deuses.

A sétima vê o sol.

Sete filhas tinha a serpente.



A árvore da vida em Radmilja (próximo a Stolac) em Herzegovina. Cristo disse:
“Eu sou a videira, vós os ramos”. © K. Papasov, *Christen oder Ketzler*, 1983.

O sol se eleva no leste. Ele é o símbolo do sol espiritual que, surgindo também no leste, irradia sobre a humanidade. É comum admitir-se que os guias espirituais vêm do Oriente, da realidade divina eterna e perfeita, de uma natureza totalmente diferente da natureza do nosso mundo inferior, e que para essa realidade divina elevam-se as aspirações do átomo-centelha do espírito, o átomo central do sistema humano.

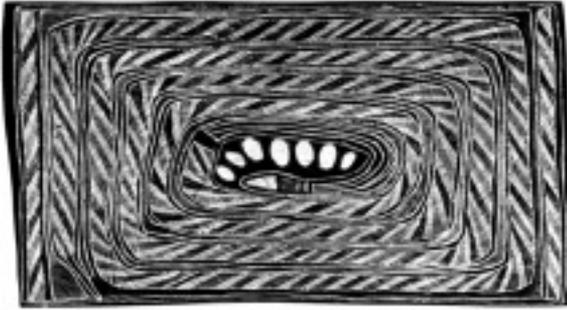
Com frequência os ocidentais sentem profunda antipatia pela serpente desde seu primeiro encontro com ela na narrativa da criação no Velho Testamento. A serpente convence Eva a provar do fruto da árvore do bem e do mal e a oferecê-lo a Adão. Vamos examinar um pouco esse símbolo. A serpente é a alma, a consciência alojada no cérebro e na medula espinal, cuja forma lembra a de uma serpente. Jesus Cristo, ao dar seu ensinamento, acrescentou: “Sede prudentes como as serpentes”. Estas palavras extraídas do Velho e do Novo Testamento não podem ser compreendidas do ponto de vista comum, material; elas evocam a “queda da humanidade”, e apenas podem ser compreendidas por quem se engajou no caminho de volta à pátria original e descobre um outro significado no símbolo da serpente.

De que modo o sentido oculto dos símbolos aparece em nós? É preciso saber que o mundo visível consiste em energia e vibrações. A serpente da origem, um dos mais antigos símbolos, a pura energia do início, tornou-se uma criatura que o ser humano acabou associando ao mundo da matéria. Nesta ótica, também temos o dragão de sete cabeças que surge das ondas, da região de vida danificada da alma, monstro policéfalo, derrotado apenas por um herói!

Através dos séculos a serpente sempre teve um sentido simbólico. Encontramos representações dela entre os aborígenes da Austrália, em gravuras rupestres que remontam a mais de 20.000 anos. A serpente celeste formada por duas serpentes enroscadas uma na outra, com a cabeça voltada para o céu, lembra-nos o caduceu de Hermes. Desde a origem, a serpente simboliza a energia emanada de Deus, também chamada de “força da serpente de vida”, o que nos remete ao termo de origem indiana *cundalini*. Ela tem uma ligação direta com o pássaro cujas asas simbolizam o voo da alma para o espírito. Em seu livro *Voices of the First Day, Awakening the Aboriginal Dreamtime*, Robert Lawlor escreve: “A serpente é o arco-íris da energia. Ela é o primeiro modelo cosmológico conhecido da energia universal e de seu espectro. O espectro eletromagnético é um campo de radiação que se estende dos raios gama às ondas de rádio. Apenas uma pequena parte dessa energia é visível: as sete cores do espectro da luz do dia. Todas as radiações têm a mesma velocidade e a mesma natureza eletromagnética. A diferença está na ordem da frequência vibratória e do comprimento de onda. A serpente arco-íris é uma metáfora penetrante que exprime a unidade existente entre os mundos visíveis e invisíveis”.

Entre os egípcios, o pássaro benu simbolizava a ressurreição da alma. Segundo um escriba de nome Cipriano (252 d.C.), um relato pertencente a essa antiga tradição mencionava a famosa serpente: “A grande serpente era a guardiã do templo. Com que frequência não ouvimos dizer que este símbolo não é uma personificação, porém uma serpente verdadeira habitada por um deus? Nós mesmos, em um templo do Cairo vimos, como tantos outros milhares de visitantes, uma enorme serpente que vivia há séculos e que era objeto de profunda veneração”.

Um símbolo é um sinal que representa certos impulsos de força, certas realidades de um plano vibratório superior, insuspeitáveis em vista das baixas frequências vibratórias de nossa consciência. A força nele



Algumas tribos australianas veneram a serpente arco-íris Julungul como seu deus criador e fundador de sua cultura. Desenho sobre casca de árvore de Dowdi e Millinginby, Arnhemland. © Kerry Dundas, Hamlyn Picture Library.

concentrada traça o caminho pelo qual a queda se transforma em ressurreição. A serpente simboliza a sabedoria, o conhecimento da fonte original do ser, como a energia mais pura que o homem pode alcançar; um dos aspectos do infinito divino. Essa energia dirige-se à consciência na forma de luz, de compreensão e de apaziguamento. É dessa forma que o homem reconhece o estado de sono do átomo original, o divino nele.

Essa descoberta constitui uma oportunidade inaudita em uma vida humana. O despertar do átomo do espírito original torna possível o nascimento da nova alma a partir das forças originais: nasce um “herói”! Segundo a definição clássica, um herói é sempre “um filho de Deus e de um ser humano”. A reunificação de Deus (o átomo-centelha do espírito) e do homem possibilita o crescimento desse jovem herói: na radiação gnóstica o “novo homem” cresce penetrado pelo Espírito. Esse desenvolvimento é descrito na poesia dos bogomilos. As sete filhas da serpente simbolizam as sete fases de crescimento da alma. A primeira fase é comparada a um sono de morte: letargia e cegueira. A segunda fase descreve à alma que percebe uma vaga ressonância do chamado proveniente do campo de vida divino. Na terceira fase é mostrado à alma, como que num sonho, o

caminho que deverá conduzi-la a sua verdadeira destinação. Na quarta fase, a alma alcança a primeira forma de consciência; ela descobre sua situação pouco invejável: acorrentada à matéria grosseira e separada da fonte original. Na quinta, a alma finalmente vê. Ela percebe que é uma com todas as outras almas e sabe que a unidade é o único objetivo de todas as almas. Na sexta fase, a alma renasce e entra no campo da fraternidade universal, o verdadeiro domínio de vida da humanidade-Alma. Os véus da ilusão dissipam-se pouco a pouco e, na sétima fase, a alma desperta na luz do Espírito.

Assim, essa maravilhosa poesia outra coisa não faz senão descrever um processo, uma via iniciática, com a promessa: “A sétima filha vê o Sol”.

Os antigos egípcios representavam a energia universal como uma grande serpente chamada Khepra. Sua força simbolizava a energia divina original e ela era considerada parte do ser humano.

FONTES:

- Rainov, N., *Im Land des Geister und Dämonen*. Sofia: Sofia Press, 1980.
- Rijckenborgh, J. van e Petri, C. de, *A Fraternidade de Shamballa*. 2ª ed. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1982.
- Rijckenborgh, J. van, *Não há espaço vazio*. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1984
- Lawlor, R., *Voices of the First Day...*, Rochester USA, Inner Traditions International Ltd, 1991.

UMA PÉROLA DE LUZ NA CORRENTE DA FRATERNIDADE UNIVERSAL



Os territórios que se encontram no ponto de intersecção de regiões cujos interesses e orientações diferem tomam de modo involuntário as cores dessas diversas esferas de influência. Efetua-se uma mescla e então se dá a eclosão de uma nova cultura compreendendo uma língua e valores específicos.

Esse é o típico caso dos Bálcãs. Essa região possui ligações com a Turquia e, daí com a Pérsia, a China e a Índia ao leste; com a Eslovênia, a Áustria, a Alemanha e a França a oeste. Ao norte, esse território está ligado à Rússia e à Escandinávia, e ao sul, à Ásia Menor e à África. As vias comerciais aí se cruzavam, de modo que esse país recebeu o impacto de civilizações e de religiões bastante diversas.

No final da era de Touro os antigos mistérios começaram a declinar. Então começou o tempo das iniciações de caráter pessoal com estados de transe, sob a direção de sacerdotes e mestres. A psique coletiva das diferentes populações sofria de maneira intensa a influência das práticas e rituais da casta sacerdotal, que se esforçava por manter seu poder. Nenhum soberano desse período escapou de suas garras. Mas uma nova fase se anunciava. Na era de Áries, caracterizada pelo gosto de legislar e pelas estruturas correspondentes (as Tábuas da Lei), desenvolveu-se o culto do fogo. Áries é um signo de fogo.

Depois, com a era de Peixes, surgiram novas religiões que davam ênfase ao pensa-

mento que despertava. O homem tornou-se consciente de sua posição no cosmo como indivíduo. As religiões desse período mostravam que Deus é *um* e libertaram o homem das estruturas energéticas do politeísmo. Por volta de 600 anos a.C., a China conhece o desenvolvimento do taoísmo e a Índia, o do budismo. O Egito descobre a gnosis de Hermes Trismegisto, e na Ásia Menor nasce o cristianismo “esotérico”. Para se compreender as mudanças notórias desse período, faz-se necessário colocá-las em relação com a evolução da consciência. No interior dos grupos coletivos tribais e familiares, o desenvolvimento do ego, do indivíduo, começou a tomar forma de maneira paulatina. A consciência que, de súbito, diz “eu sou”, e que Ulisses experimenta na Odisséia de Homero, assinala o momento em que a consciência de grupo familiar, racial ou nacional diminui pouco a pouco, enquanto cresce o ego bastante individual de nossos tempos. Os laços de sangue se afrouxam em todos os planos, e os indivíduos que governam a si mesmos põem-se a considerar o Estado e a religião sob a forma de instituições.

Da distinção

Aprende a distinguir o longo caminho do sofrimento humano e compreenderás que ele é filho do desejo.

Adquire o hábito de perguntar-te a cada percepção sensorial, pensamento e desejo: “Isto é real? O que é a real?” Porque existem elementos de realidade (mesmo que muito remotamente) em tudo que é irreal.

Faz sempre muito atenta distinção entre o pobre saber do intelecto e as realidades luminosas do espírito, que são os frutos de uma sabedoria amadurecida.

Observa com cuidado teus pensamentos: contêm eles o princípio da sabedoria, ou é apenas o intelecto que estende suas asas?

Assim surgem novas oportunidades para os que buscam na religião uma via de libertação. Os gnósticos ensinam, então, que todo indivíduo possui em si uma centelha de consciência divina, um átomo-centelha do espírito passível de ser inflamado, o que lhe permitirá reintegrar o domínio divino da origem. Os gnósticos fundam escolas espirituais em um novo estilo onde os buscadores encontram um sustentáculo na compreensão do caminho que leva à vida original, caminho esse descrito pela sabedoria universal em particular no Novo Testamento.

A Bulgária foi a porta por onde as doutrinas gnósticas entraram na Europa. Elas proliferaram durante séculos nos Bálcãs, porém a memória coletiva dos europeus não as conservou muito bem por várias razões. Apenas um pequeno número de pessoas se interessou de fato.

Agrupamentos conhecidos pelo nome genérico de bogomilos, do século IX ao século XIV (!), propagaram, portanto, um cristianismo diferente do cristianismo da Igreja romana, e que revelava a força libertadora da Gnosis às pessoas de todas as camadas sociais.

A antiga corrente do maniqueísmo, que se expandira no Oriente até a China e no Ocidente até a Espanha, havia engendrado vários movimentos, dentre eles o dos bogomilos. Nascido em solo búlgaro medieval, o bogomilismo trazia consigo todas as características de sua época. Não seguia nem imitava qualquer orientação conhecida até então. Nele se manifesta uma forte inspiração do cristianismo primitivo. Em geral, as diferentes expressões do maniqueísmo medieval nos Bálcãs se esforçavam para pro-

mover o impulso de Cristo puro e livre de todo dogmatismo. Os bogomilos, bastante inclinados à liberdade, opunham-se às instituições feudais que exploravam o povo. Sua concepção espiritual e seu modo de vida, em total contradição com as autoridades religiosas e administrativas de seu tempo, exerciam grande força de atração sobre as classes médias balcânicas. Mesmo em épocas de perseguição eles davam continuidade a suas atividades.

Seus dirigentes, em dado momento, entraram em contato com os cátaros da Occitânia, cuja influência se estendia sobre grande parte do norte da Itália, da Suíça e do norte da Espanha. Essas correntes eram ramos da mesma árvore gnóstica, não idênticos, porém enraizados no mesmo solo.

O archote da Gnosis não cessa de ser levado adiante, seu fogo arde sem descanso ao longo dos séculos. Ora ele arde com força, ora brilha secretamente, dependendo das circunstâncias. Muitos seres trilham o caminho e outros apenas têm como tarefa indicar a direção. Seus nomes desaparecem nas areias da história, mas são inscritos de forma indelével no livro da Fraternidade da Luz, na corrente de todas as fraternidades que desde tempos imemoriais vêm realizando sua obra libertadora.

Em nossa época, os seres humanos se relacionam cada vez mais entre si, tanto interior como exteriormente. Muitos sabem, ou supõem de maneira inconsciente em seu íntimo, que a humanidade está decaída e que cada um deve encontrar e seguir o caminho da libertação. Eles se esforçam, pois, para realizar essa libertação em sua condição social e pessoal e, desse modo, obter uma ligação vivente com o divino.



BOGOMILO,
VOZ DOS INJUSTIÇADOS E DOS OPRIMIDOS

“Sob o reino do [...] tsar Pedro (século X), um pope chamado Bogomilo [...] foi o primeiro a pregar a doutrina herética na Bulgária [...]”¹

Esta citação foi extraída de um tratado² contra Bogomilo. O pouco que conhecemos dele provém quase que apenas dos escritos de seus inimigos. De acordo com um velho documento búlgaro, ele foi anatematizado duas ou três vezes,³ o que demonstra o quanto era temido pela Igreja oficial e a amplitude de sua influência: um movimento gnóstico inteiro levava seu nome. Pelo fato de figurar na lista dos autores interditados,⁴ ele deve também ter propagado seu ensinamento por escrito. Ele é apresentado como um homem inteligente, muito audaz, que exercia grande autoridade sobre seus semelhantes.

Ele começou como padre ortodoxo e esteve muito próximo do povo, mas era totalmente contrário ao cristianismo oficial, em que rituais pretensamente sublimes representavam um grande papel e davam uma importância preponderante à forma. Esse tipo de cristianismo estava muito distante da mensagem original: a necessidade de adquirir uma fé viva para que, em todos os aspectos de sua existência, o ser humano ligue sua alma ao Espírito do reino dos céus.

Bogomilo não foi o único a perseguir esse objetivo. Ele não foi o fundador da assim chamada Igreja dragoviciana, porém consideramo-lo o representante das doutrinas dessa Igreja, de alguns ensinamentos paulicianos e das concepções maniqueístas.⁵ Ele juntou esses ensinamentos, que se tornaram conhecidos naquele tempo como Igreja búlgara e Igreja dragoviciana. Devemos ver isso na forma de duas correntes dirigentes no interior de uma grande rede de fraternidades isoladas que, partindo mais ou menos do mesmo ponto, procuravam viver de acordo com os mesmos princípios. Disso, Bogomilo era o coração irradiante.

Assim como muitos outros, Bogomilo condenava a arbitrariedade da Igreja e do Estado e seu sistema de opressão. Ele compartilhava as idéias de múltiplos grupos gnósticos que atuavam no sul dos Bálcãs, em particular a idéia da existência de dois campos de vida separados, o que formava o próprio coração de sua crença. Ele considerava seus adeptos “theotokos”, ou seja, aqueles que devem “engendrar Deus”.⁶

Ele chegou a formular o direito à liberdade e à salvação das almas injustiçadas e dos oprimidos que não tinham a possibilidade de se expressar. Ele defendia a idéia de que existem dois princípios no ser humano, um terrestre e um celeste, e que o princípio celeste deveria sair vitorioso sobre o princípio terrestre. Lemos em um texto bogomilo:

O corpo que trazemos é uma criação das trevas, a alma que nele habita é o primeiro homem e o germe da luz.

O primeiro homem foi vitorioso no país das trevas, e também em nossos dias ele triunfará no seu corpo mortal.

O Espírito vivente, que outrora irradiou sobre o primeiro homem, é, ainda hoje, nosso consolador, o “consolamentum”.

Não sabemos se Bogomilo caiu nas mãos de seus perseguidores ou se pôde continuar na clandestinidade. Todos os seus testemunhos escritos foram manifestamente destruídos, porém não se conseguiu evitar as influências de seu ensinamento na literatura de seu tempo. Os bogomilos mesclaram o essencial de sua fé na forma de mitos e de lendas com a literatura búlgara. Exemplos dessa fé podem ser encontrados nos contos, nos cânticos e nos poemas. Na Bulgária,



Fortificação do século XIII nas montanhas rochosas de Belogradchik, a noroeste de Sofia. © Pentagrama.

bem como em muitas partes da Europa e da Ásia, a sabedoria gnóstica floresceu outra vez.

Esses movimentos desencadearam uma rebelião na Idade Média e obrigaram a Igreja da época a mostrar sua verdadeira face: uma instituição onde a religião estava ligada às autoridades e cuja reação contra os movimentos gnósticos de então constituiu um dos capítulos mais sombrios de sua história.

A LUZ SEMPRE TRIUNFARÁ

Os representantes da Igreja oficial qualificaram de dualista a doutrina pregada por Bogomilo. Os dogmáticos esforçavam-se para provar que esses pretensos heréticos tinham parte com as trevas em oposição ao reino de Deus. Ora, a mensagem de todo sistema qualificado de gnóstico é que a luz triunfa sobre as trevas.

Contrário às várias insinuações, Bogomilo e seus numerosos partidários ensinavam que existia apenas um princípio divino único, e que o dualismo apenas aparecera quando Satanael, o mais importante dos anjos, decidiu, contra o princípio divino original, criar seu próprio mundo, uma terra e uma humanidade, tornando-se assim o princípio mesmo do mal. Trata-se, portanto, de

um dualismo temporário, pois Satã será vencido pela luz e seu mundo desaparecerá.

O fato é que, na sombria dualidade, a unidade da luz é rompida, dividida em dois pólos opostos. Isso não ocorreu apenas num passado longínquo, porém acontece diariamente e sempre. A lei da dualidade, a dialética, nos acua e não cessa de nos importunar no espaço e no tempo até o momento em que acabamos por compreender que somos seus prisioneiros e que devemos nos libertar dela. É preciso que a luz interior oculta, na qual reconhecemos a verdade, ponha-se a brilhar em nós de tal maneira que possamos rejeitar a ilusão da dualidade. Eis as palavras de uma antiga prece bogomila:

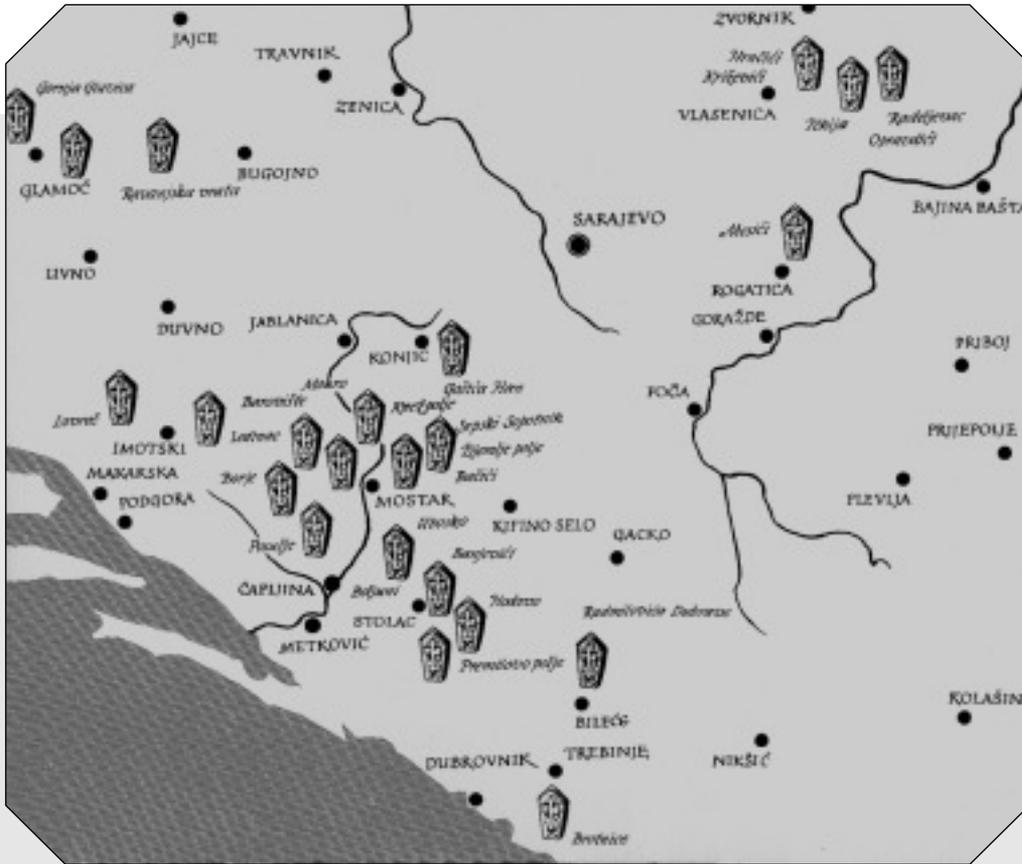
*Purifica-me, meu Deus,
purifica-me no interior e no exterior.
Purifica corpo, alma e espírito,
para que os germes da luz cresçam em mim
e me transformem num archote.
Transforma-me em flama
que transmuda em luz
tudo em mim e ao meu redor.*

BIBLIOGRAFIA: ver páginas 7, 12 e 31.

TESTEMUNHOS DE PEDRA

Os bogomilos sabiam que o ser humano pode tornar-se um *Theotokos*: um ser capaz de gerar Deus de si mesmo. De certa maneira esse é o caso dos que deram forma aos antigos monólitos descobertos nos lugares mais idílicos da Bósnia e da Herzegóvina, regiões onde os fiéis do cristianismo espiritual, os bogomilos e outros agrupamentos, se refugiaram, esmagados entre os cristãos ortodoxos e os católicos romanos, e com freqüência atacados pelos exércitos muçulmanos.





À esquerda: Opljaci, próximo a Stolac.

“O cavaleiro de mão levantada”, uma das 133 estelas da necrópole de Radimlja (Stolac) em Herzegovina (Papasov, K., *Christen und Ketzer*, 1983).
Abaixo: Cervo e cavaleiro. Estela em Lovrec, Imotska Krajina, Dalmácia do Sul.

Nesses monólitos vemos esculpidos motivos com desenhos arcaicos feitos com raspadeira. Essas criações sumárias nos tocam, nos impressionam por sua simplicidade. Quem as executou, e o que essas pedras monumentais querem nos dizer?

Os especialistas propõem diversas explicações. Para a maioria, trata-se de necrópoles, porém não se encontram ali restos humanos com muita frequência. Supõe-se, em geral, que essas pedras foram esculpidas pelos bogomilos, o que deu motivo para denominá-las “pedras dos bogomilos”, e que, segundo dizem, datam aproximadamente de 1150 a 1500 de nossa era. Hoje, alguns acreditam que elas sejam ainda mais antigas e que correspondam ao que resta da

cultura neolítica.¹ Essas pedras dão-nos uma idéia da fé que animava esses grupos gnósticos, e sua mensagem tem o poder de conceder-nos asas em nosso caminho.



COMBATENTES DO REINO DA LUZ

No cemitério de Radimlja próximo a Stolac ergue-se uma pedra monumental. Os motivos nela cinzelados aparecem de forma gradual quando a contemplamos durante certo tempo. De acordo com a posição do sol, pode-se ver do lado direito uma grande silhueta vestindo uma cota de malha e botas. Acima dos braços levantados, à direita e à esquerda da cabeça, há um círculo com uma abertura, um arco e uma flecha. Também há dois pequenos personagens e do lado direito um escudo e uma espada.

É possível ver aí um combatente do reino da luz que venceu em si mesmo o mal e que se purificou das forças das trevas. Auxiliado pelas forças da luz, graças ao amor divino, ele protege seus alunos, representados pelos dois personagens menores, e se mantém ao lado deles no caminho da vida original. Ele ergue os braços num gesto de bênção e protege, ao mesmo tempo, o santuário dos que desejam aproximar-se dele sem a necessária purificação. É um

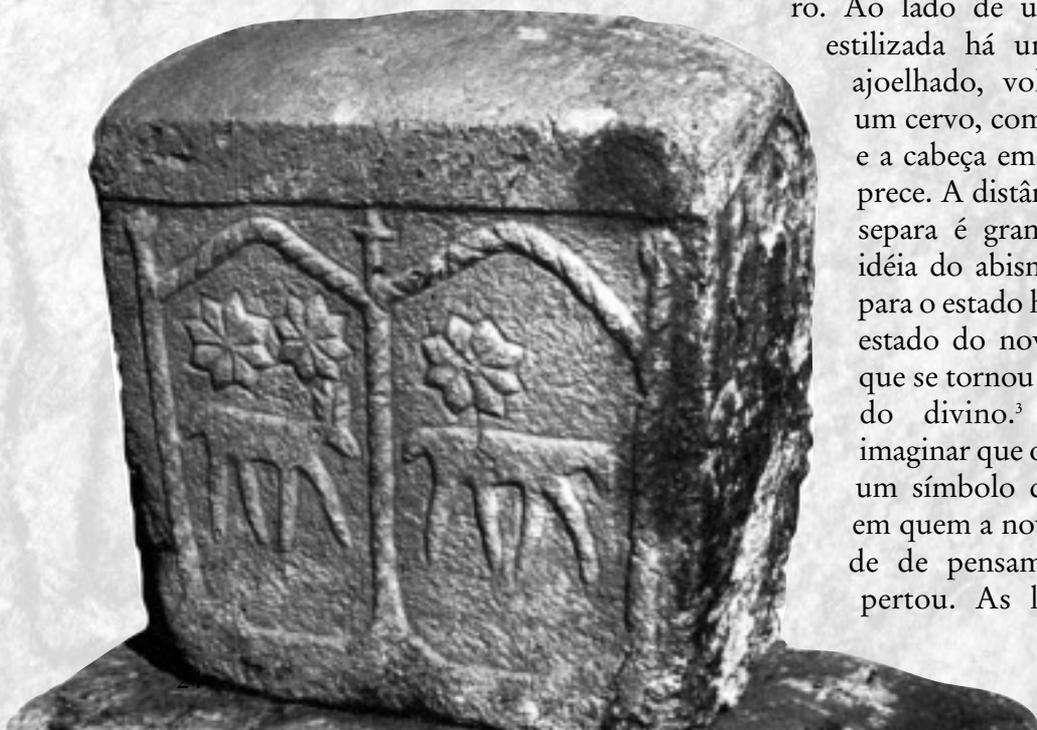
perfectus, um perfeito, um iniciado.

Do mesmo modo pode-se ver, na espada e no escudo, os símbolos das “armas da luz”. O arco faz parte dos atributos do combatente espiritual que se exercitou no caminho iniciático e que dá testemunho de que neutralizou as forças contrárias. O *perfectus* vive de sua ligação com as forças da luz. O círculo à direita, acima de sua cabeça, confirma de modo simbólico que a imortalidade lhe foi concedida. A linha ondulante acima dele indica sua transformação eterna, e o trifólio simboliza a trindade sempre ativa: Pai, Filho e Espírito Santo.²

O CERVO

Encontramos em muitas das velhas pedras uma poderosa alegoria: a representação de um cervo. As esculturas bogomilas utilizam muito a imagem desse nobre animal que “suspira pelas correntes de água”, como por exemplo, em Konjic. Isso nos leva a pensar de forma involuntária no grito da alma que desperta e toma consciência de estar num país estrangeiro. Ao lado de uma árvore estilizada há um homem ajoelhado, voltado para um cervo, com os braços e a cabeça em atitude de prece. A distância que os separa é grande e dá a idéia do abismo que separa o estado humano do estado do novo homem que se tornou consciente do divino.³ Podemos imaginar que o cervo seja um símbolo do homem em quem a nova faculdade de pensamento despertou. As linhas que

Pedra tumular.
Museu de Split.





Irmãos, eis minha primeira palavra: “Se não oferecerdes auxílio, não o receberéis. Desenvolvei-vos ajudando os outros. Fecundai aquilo que, em vós, é feminino, ó filhos da infecundidade”. Os princípios e os dogmas não mostram o caminho. Não busqueis regras. Retornai ao vosso interior e buscai a senda, irmãos! Aprendei a arte complexa e difícil de *permanecer em vós mesmos*.

ondulam e os círculos que muitas vezes encimam os chifres do cervo permitem por certo a seguinte interpretação: a nova consciência irradia no espaço aberto e se funde por completo na manifestação universal. Isso é expresso ainda de outra forma por uma maravilhosa pedra dotada de um significado completamente distinto que pode ser vista no museu de Split.

Nessa pedra, dois cervos traduzem de modo inegável a paz e a harmonia da alma que voltou à “esfera das estrelas”, sua verdadeira pátria, e sua afinidade com as antigas idéias órficas que fazem do cervo o filho da grande deusa mãe.⁴

Essas pedras, por sua vibração, são símbolos que conservam viva a mensagem do campo de vida divino. Imagina-se a que desígnios serviram essas pedras e os lugares onde elas se encontram: foram lugares de paz em que as diferentes figurações orientam para o mundo original.

Como já dissemos, os especialistas não têm nenhuma resposta positiva à questão de como os mortos foram enterrados nesses lugares, muito embora seja duvidoso que eles tenham servido a essa finalidade, em especial pelo fato de quase nunca terem sido encontrados neles restos humanos. Eles parecem antes centros de força

aonde se dirigiam os buscadores para cumprir seus deveres espirituais sem ser incomodados. Nesta perspectiva, podemos supor que essas pedras isoladas ou agrupadas em determinados locais conservaram grande concentração de energia. Essas vibrações ainda preenchem o espaço. Não são, portanto, lugares comemorativos, mas campos de força espiritual que nos conclamam a nos tornar *Theotokos*, um homem que gera Deus, que traz Deus ao mundo: um portador de luz.

BIBLIOGRAFIA:

Representações semelhantes se encontram, entre outras, no extremo sudeste da Turquia. Ver Schmidt, K., *Sie bauten di esrten Tempel. Das rätselhafte Heiligtum der Steinzeitjäger. Die archeologische Sensation am Göbleki Tepe*. Munique: C.H. Beck Verlag, 2006.

- 1 Rudolf Kutzli, *Die Bogomilen, Geschichte, Kunst, Kultur*, Urachhau, 1977.
- 2 Idem.
- 3 Idem.
- 4 Roll, E., *Ketzer Zwischen Orient und Okzident: Patarener, Paulikianer, Bogomilen*. Stuttgart: Mellinger, 1978.

O título *O livro secreto* é pertinente; ele não apenas concorda com as idéias dos bogomilos, concernentes à criação, mas, no final do texto, um adversário desses pretensos “heréticos” acrescentou uma observação característica: “Este é o segredo dos heréticos de Concorezzo trazido da Bulgária pelo bispo Nazaréi, e repleto de erros”.¹

O texto, bastante conciso, trata do mundo original, da queda, do redentor e do fim de nossa manifestação. Ele começa com as palavras: “Eu, João, vosso irmão, perguntei, inclinando-me sobre o peito de nosso Senhor Jesus Cristo: ‘Qual era, antes da queda, a glória de Satanás ao lado de teu Pai?’. E ele respondeu-me: ‘Sua glória era tal que ele reinava sobre os poderes celestes. Então ele contemplou o esplendor daquele que

fazia mover o céu e desejou ocupar um lugar sob as nuvens celestes a fim de tornar-se igual ao Altíssimo’.”

Para se compreender o mundo atual, *O livro secreto* dos bogomilos começa mostrando o mundo original onde as entidades espirituais agiam criando e realizando as idéias divinas. A palavra “Satanás” designa um certo número de seres espirituais de um nível elevado de consciência. *O livro secreto* fala sobre os sete céus

Paisagem da
Trácia.

A ORIGEM DO MAL

O livro “secreto” dos bogomilos

que Satanás atravessou antes de ingressar na esfera terrestre. É dito que o anjo do ar e o anjo da água abriram-lhe as “portas” de seus elementos. “Continuando a avançar, Satanás encontrou toda a terra coberta de água, e, dirigindo-se por debaixo da terra, ele viu dois peixes na água. Tal como uma parrelha de bois no arado, esses dois peixes, sob a ordem do Pai invisível, esforçavam-se para, até o nascer do sol, impedir que a terra de soçobrasse”.

A corrente de vida emanada de Satanás antes da queda havia integrado os pensamentos de Deus, e foi essa corrente que criou o Universo. Ela criou todas as esferas divinas de maneira a fazê-las evoluir até alcançar uma consciência perfeita, capaz, em última instância, de fundir-se no espírito universal. Quando *O livro secreto* fala sobre elementos da terra, não se trata de estados da matéria que conhecemos, mas de puras esferas de matéria sutil da terra original.

Obelisco em Donja Zgosca, na Bósnia, com símbolos cósmicos e dois peixes. © K. Papisov, Christen und Ketzer, 1983.

Platão utiliza a expressão Demiurgo em *Timeu* para designar o artesão que, reunindo os elementos do caos, modelou os aspectos do cosmo sobre os modelos das formas eternas e engendrou todas as coisas materiais do mundo, inclusive o corpo humano. Ele não é o criador de tudo “a partir do nada”, porém o arquiteto que deu e adornou a forma do Universo. Platão considera que o Demiurgo é a personificação da razão ativa, expressão retomada pelos gnósticos que, em sua visão do mundo dualista, fazem do Demiurgo o símbolo das forças não-divinas e o responsável pela criação do mundo material sempre movente e inconstante, ao lado da divindade só bem – “o estrangeiro suave”. *O livro secreto* dos bogomilos é um diálogo entre Jesus e João, o “discípulo bem-amado”. Os membros da Inquisição, que jamais viram essa obra, deram-lhe o nome de *Livro secreto*. Apenas os *perfecti* o possuíam. Os especialistas o conhecem sob o nome de *O livro de São João* ou *Pseudo-evangelho*, do qual existem duas traduções em latim, datando a mais antiga do século XII. É muito provável que essa obra tenha sido escrita na Bulgária.

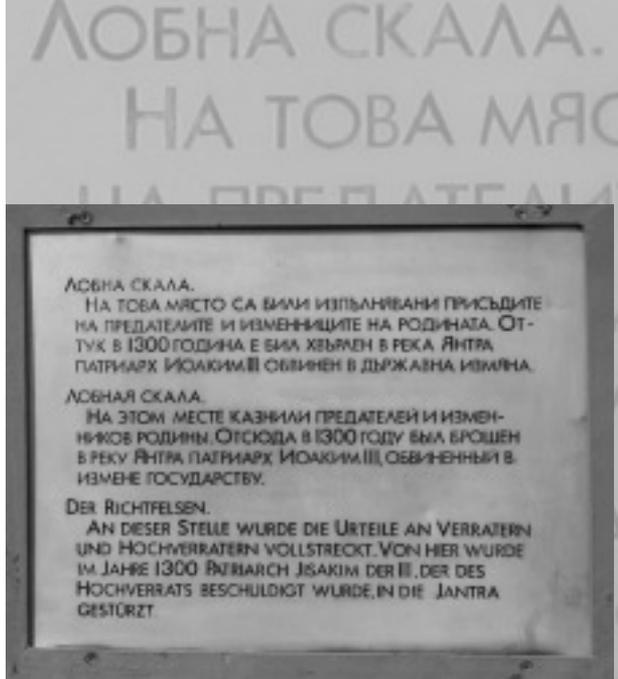


“OSSOP” OU O FOGO ARDENTE

“Por debaixo da terra” os seres espirituais vêm dois princípios: os “dois peixes na água”, semelhantes a “uma parrelha de bois no arado, esforçando-se para, até o nascer do sol, impedir que a terra soçobrasse”.

Vemos aqui os dois princípios originais, positivo e negativo, que representam, de certo modo, dois princípios latentes da substância primordial. Os dois trabalham em “parrelha” para dar forma aos impulsos criadores divinos. Descendo ainda mais, Satanás encontrou seu próprio “ossop”, um fogo bastante particular, e não pôde descer mais por causa das flamas desse fogo consumidor. Então Satanás retornou e encheu-se de cólera. Com efeito, aqui arde um fogo muito especial! É o fogo de um outro domínio cósmico. Descer mais baixo é

Árvore da vida –
estela em Radimlja.



impossível. As esferas do campo da criação original são ocupadas por todas as almas viventes que ali vibram e se desenvolvem em unidade.

“Satanás volta-se, então, para o anjo do ar e para aquele que reina sobre a água e lhes diz: ‘Tudo isto me pertence. Se me obedecerdes, estabelecerei meu trono nas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo’.”. Esses seres originais deixaram, então, sua substância, sua liberdade e sua consciência evoluir, desligando-se do Espírito. Apesar de conhecer a gloriosa criação divina e as imensas possibilidades que ela lhes oferecia, eles tenderam para a ruptura de sua ligação com o Espírito e para a sua perdição.

Na origem de nosso mundo deuse, portanto, a separação da alma e do espírito. Em nossa esfera, as duas forças criadoras, masculina e feminina, as duas forças da “parrelha de bois no arado”, manifestam-se em separado. Os seres desta esfera separaram suas duas forças e arrastaram consigo os anjos de todas as esferas celestes. Os éteres dessas correntes divinas se degradaram e as forças vitais instáveis animaram, desde então, os seres ligados a Satanás. Por isso, os seres origi-



nais viram-se impossibilitados de partilhar suas forças vitais com esses seres decaídos, o que *O livro secreto* descreve da seguinte maneira:

“O Pai ordenou a seus anjos: ‘Retirai-lhes suas vestes’. E os anjos retiraram a veste e a coroa de todos os anjos que haviam obedecido a Satanás. E eu, João, perguntei ao Senhor: ‘Em que lugar Satanás permaneceu após sua queda?’ E ele respondeu: ‘Como punição por sua arrogância, meu Pai mudou sua forma, retirando-lhe o esplendor e dando a seu rosto a cor do ferro em brasa’.”

A “cor do ferro em brasa” é um vermelho que, segundo a sabedoria antiga, aparece quando a força-luz da alma é mesclada ao “negro”. Isso é simbolizado pela aurora e o crepúsculo, ao passo que Satanás é representado pela estrela da manhã. Ainda segundo *O livro secreto*, Satanás pediu ao Altíssimo sete dias para criar seu próprio universo, no qual todos os seres espirituais seguiriam o caminho das experiências que desejassem fazer. Satanás criou, portanto, o mundo atual com o auxílio de seus anjos. Assim fazendo, ele se serviu das idéias divinas que explorou em fun-

ção de suas concepções e de seus desígnios.

“O Pai permitiu-lhe agir segundo sua vontade até o sétimo dia... até o momento de agir segundo o plano previsto pelo Altíssimo...” As entidades decaídas tornaram-se os senhores do mundo e os espíritos da matéria; nesta, os elementos outrora unidos de forma harmoniosa separaram-se uns dos outros; a terra firme, o espaço aéreo e os oceanos se tornaram cada vez mais densos. Com as pedras preciosas da coroa do anjo da água Satanás formou as estrelas. Ele criou os fenômenos atmosféricos como o raio, a chuva, o granizo e a neve, e fez aparecer as plantas e os animais. A queda dos seres espirituais do céu, a única queda, segundo *O livro secreto*, ocasionou a criação do paraíso. O mental desses seres espirituais ainda estava tão ligado ao pensamento divino, que eles eram capazes de dar vida às plantas e aos animais.

“Então Satanás refletiu e criou o homem para servi-lo. Ele ordenou ao anjo do terceiro céu que entrasse em um corpo feito de argila, do qual tomou uma parte para formar um segundo corpo, e intimou o anjo do

À esquerda: local sobre o rio Jantra (próximo da antiga capital búlgara Veliko Tarnovo) onde os heréticos e os malfetores eram reunidos e atirados abaixo. À direita: pedra encontrada nas ruínas do antigo castelo.

© Pentagrama.

segundo céu a entrar nesse segundo corpo. Assim foi a criação da mulher. Então os anjos se entristeceram ao ver que sua antiga aparência havia desaparecido...” Criados por Satanás, eles tinham agora uma forma mortal e já não podiam se renovar interiormente de forma ilimitada. Seus corpos se cristalizaram e se tornaram cada vez mais densos. O primeiro homem que apareceu no paraíso era duplo: ele possuía um corpo terrestre, porém, o núcleo interior, imortal, continuava pertencendo aos “céus”.

O *livro secreto* deixa claro que o “mal” apareceu nos seres de ordens espirituais elevadas. Em um certo sentido, a queda não apenas repercutiu no homem terrestre, mas também em seu núcleo imortal.

“O diabo plantou junco no meio do paraíso; com sua saliva ele formou a serpente e ordenou-lhe que permanesse naquele lugar. Ocultando suas intenções para que seu logro não fosse percebido pelos homens, ele lhes disse: ‘Comi de todos os frutos do paraíso, porém não o do conhecimento do bem e do mal’. Então ele entrou na serpente, seduziu o anjo na forma feminina e derramou seu veneno, o

desejo, em Adão, o anjo na forma masculina. Depois disse-lhes: ‘Comi de todos os frutos...’ Nessas condições, os frutos do conhecimento do bem e do mal já nada podiam ser senão de uma evolução benéfica para os seres terrestres. Segundo os bogomilos, esses frutos foram os que acabariam abrindo-lhes os olhos. Então eles veriam que tudo não passa de ilusão e se decompõe sem cessar devido à separação entre a alma e o espírito. Isso geraria neles uma aspiração imensa à vida verdadeira, um desejo ardente pelo espírito, pois a fusão do espírito humano no espírito divino é a única realidade final.”²

O “MÉTODO” DA OFERENDA

Esta é, portanto, a imagem apresentada pelos bogomilos: Satanás apropriou-se de uma parte da luz. Ele deseja criar um mundo semelhante ao de Deus. Em seguida ele elabora uma forma humana de argila e de terra e força as entidades celestes a se revestir dela e vivificar a terra. Embora os anjos caídos do “segundo e terceiro céus” se vejam agora aprisionados, eles já não se encontram submetidos

Da tarefa do homem

Tu deves guiar o mundo, segundo as palavras de Cristo, para os dias de sacrifício.

Guarda o silêncio e não reveles a ninguém, sobretudo aos profanos, o caminho complicado de tua vida interior.

Estas citações foram extraídas da sétima parte de *Bogomilentum, Slawentum, Wiedergeburt* (Bogomilismo, eslavismo, renascimento), livro originário de Malta, cujo autor seria Nicolai Rainov. No prefácio à sétima parte, é dito: “Esta parte compreende a descrição de um dos assim chamados livros secretos dos bogomilos”.

ao sedutor de forma direta, mas sim a seus corpos, devido a sua ligação com a matéria. Isso parece um paradoxo, porém trata-se aqui de uma manifestação da grande sabedoria divina, pois, se a alma conseguir se fazer ouvir pela personalidade terrestre, terá a possibilidade de romper sua ligação com a matéria.

Trata-se, portanto, de um processo de oferenda. O ser se oferece deixando-se aprisionar pela matéria para que, no final, a matéria seja aniquilada: esse é o mistério de Cristo, o espírito de luz que se dá ao mundo até a morte. O mundo aceita essa oferenda com todo empenho e acredita-se vitorioso, porém, a luz já não pode ser expulsa do cosmo e acabará transformando por completo a “maldade”, o mal – cedo ou tarde. Mas, o que é o tempo em relação a isso? A vitória da luz está totalmente assegurada.

Satanás, o sedutor, se enfurece com esse ardil! Para impedi-lo, ele cria, segundo *O livro secreto*, a mulher e tenta dar-lhe todos os atributos da luz, forçando o anjo do segundo céu a entrar nela e torná-la tão sedutora a ponto de Adão esquecer-se de ouvir sua alma. As conseqüências disso são a reprodução sexual, a necessidade do crescimento corpóreo e a morte. Foi assim que o estado paradisíaco desapareceu e a concentração da matéria, tal como hoje a conhecemos, teve início. Os bogomilos não falam de expulsão do paraíso, pois para eles a queda ocorreu bem antes, sendo o paraíso apenas uma etapa entre outras no caminho de descida.

Todo ser humano possui, pois, uma alma imortal mergulhada num tipo de sono. Trata-se, portanto, de despertá-la. Essa é sua única esperança de poder, um dia, libertar-se deste mundo.

BIBLIOGRAFIA

- 1 *O Livro secreto* já não existe em búlgaro, porém dele restam duas traduções em eslavo e latim, que se encontram em Carcassone e em Viena. Tradução francesa em: Ivanov, J., *Livres et légendes bogomiles: aux sources du catharisme*. Paris: Maisonneuve et Larose, 1976.
Uma tradução alemã pode ser encontrada em: Petkanova-Toteva, D., *Quellen reinen wassers; eine anthology bulgarischer mittelalterlicher Literatur*. Berlin: Neue Wege, 1979, p. 184-189.
- 2 *O evangelho apócrifo de Enoque*, que contém semelhanças essenciais quanto à criação do mundo, é encontrado em duas versões, a etíope e a búlgara. É óbvio que o autor do *Livro secreto* estava de posse da antiga versão búlgara do livro de Enoque.
Ver: Jordan Ivanov. *Idem*, p. 91.

EM BUSCA DO PÁSSARO DE OURO

Um conto bogomilo



Pelo fato de serem perseguidos na Idade Média pela Igreja estabelecida, os bogomilos com frequência transmitiam seu ensinamento de maneira velada, por exemplo, na forma de contos populares cujo tema versava sobre o seguinte: quem, por amor, aceita a tarefa da libertação da alma e segue o caminho da vitória sobre o eu, tecendo assim o tesouro da nova alma, é o verdadeiro filho do Pai.

Aos irmãos invejosos, sempre prisioneiros da antiga natureza, o irmão bogomilo perdoa os ataques. Ele até mesmo pede para eles a graça do Pai, pois “eles não sabem o que fazem”. Quando renunciam a seu erro, o irmão dá-lhes a possibilidade de participar da nova vida. Aqui vemos o preceito fundamental dos bogomilos: “ama o mal bem” (ou dito de outro modo: aprende a transmutar o inferior em superior).

O que isso quer dizer? O seguin-

te, conforme eles ensinavam: *No princípio apenas o Deus bom reinava. Ele não tinha forma nem corpo. Ele criara os sete céus que não tinham fronteiras e não tinham começo nem fim. Do Deus bom procederam Satanael e Cristo, que viviam na mesma esfera. Contudo, Satanael era voluntarioso e, aproveitando-se de sua imensa liberdade, não apenas criou um mundo para si, mas quis também submeter o mundo da luz.*

O único escrito autêntico dos bogomilos é *O livro secreto* ou *O livro de São João*. Nele, João conversa com Jesus ressuscitado. O mestre lhe responde todas as perguntas acerca do nascimento e do fim do mundo, e explica a queda e o nascimento de um segundo mundo – que conhecemos como terra. “Meu Pai, diz Cristo nesse livro, transformou Satanael por completo devido a sua conduta orgulhosa, e privou-o da luz”.

O papel do homem nesse drama primordial é descrito da seguinte maneira: como os espíritos das trevas queriam invadir o reino da luz, chegaram até sua fronteira, mas não puderam ali penetrar. Essa ação ocasionou uma reação contrária da luz, comparável a um castigo. Ora, no reino da luz, formado unicamente do bem, o castigo é algo desconhecido. Os demônios podiam ser tocados apenas por algo que não pertencesse a seu domínio. Os espíritos do reino da luz enviaram-lhes uma parte de seu reino, de sua região, de sua esfera, que as trevas devoraram no mesmo instante, o que provocou uma grande agitação, pois um elemento desconhecido havia penetrado naquele domínio. Devido a essa situação, as trevas não puderam continuar a se manter, e então apareceu a morte. Foi assim que, do homem primordial oriundo do reino da luz e enviado às trevas, emanou o gênero humano: os seres humanos submetidos ao mesmo tempo às influências da luz e das trevas, e em quem a luz é “transmutada” até a derrota final das trevas. Portanto, as trevas receberam com avidez o germe de seu próprio aniquilamento, ao passo que os homens que se encontravam prisioneiros nas trevas foram dotados do germe de sua libertação.

O TSAR E O PÁSSARO DE OURO

Trata-se de um conto oriental que transmite a mesma mensagem: um tsar se vê, num sonho, recebendo a missão de construir uma igreja e de sair em busca do pássaro de ouro do Xá da Pérsia. O pássaro de ouro deve ser colocado na igreja, o que tornará desnecessária a presença de um padre como ministro do culto. O filho mais moço do tsar assume a missão, e parte com seus dois irmãos mais velhos em busca do pássaro de ouro. Porém, os dois irmãos mais velhos instalam-se no primeiro bom albergue que encontram e gastam todo o ouro que seu pai havia dado para a viagem. Apenas o mais jovem põe-se a caminho.

Então ele encontra um ancião que lhe presta um grande serviço: com sua ajuda ele descobre o castelo em cujo jardim se encontra, preso numa gaiola, o pássaro de ouro. Apesar das recomendações do ancião, o príncipe não consegue resistir à tentação de roubar um sabre muito valioso, o que chama a atenção dos guardiães, que o aprisionam. Para se libertar, ele se propõe a conduzir o cavalo de ouro do tsar de Waran, o que consegue fazer. Porém, sucumbe ainda uma vez à tentação de levar consigo uma sela de grande valor. Novamente é aprisionado pelos guardiães, e como preço de sua libertação, deve raptar as três filhas do tsar da Grécia. Ele é bem sucedido nessa prova. As três jovens acompanham-no e os guardiães não o podem deter. No caminho de volta, ele tem a oportunidade de recuperar o cavalo e o pássaro de ouro. Depois, vestido de forma suntuosa, chega ao albergue onde seus irmãos, vestidos em andrajos, vivem na miséria. Eles decidem, juntos, empreender a viagem de volta, mas, durante a noite, os irmãos mais velhos, enciu-

À esquerda:
Rochas de
duzentos milhões
de anos nas
montanhas
Belogradchik.
© Pentagrama.



Pássaro e fonte
por Aubrey
Beardsley, em
La Mort de Arthur.

mados, matam o irmão caçula.

Os dois irmãos maus põem-se a caminho com as donzelas, o cavalo e o pássaro de ouro, atribuindo-se o mérito de todo o empreendimento, afirmando que seu jovem irmão havia se retirado. Mas, uma vez estando na igreja, o pássaro já não quer cantar, o cavalo na estrebaria não quer comer, e as donzelas ficam inconsoláveis.

É então que o ancião ressuscita o jovem com a água da vida. O jovem, sem se fazer reconhecer, põe-se a serviço de seu pai, o tsar. Tão logo ele transpõe o limiar da igreja o pássaro põe-se a cantar seguido da celebração de um ofício divino como jamais outro fora celebrado antes. Porém, logo que o jovem deixa a igreja, o pássaro emudece. Do mesmo modo, quando ele entra na estrebaria, o cavalo põe-se a relinchar, golpeia o solo com os cascos e lança sobre o jovem um olhar cheio de confiança, e quando o jovem sai, o

cavalo emudece e já não come. Por seu lado, as três filhas do monarca grego, ao avistar o jovem, reconhecem seu salvador e o acolhem, cheias de alegria.

Então, o jovem príncipe deixa-se reconhecer, e o pai ordena de imediato ao carrasco que mate seus dois filhos mais velhos. Contudo, o filho mais moço opõe-se a essa ordem e os reclama como escravos. Porém, não os trata como tais; ele os perdoa e reconhece-os outra vez como irmãos. Em seguida, os três irmãos casam-se com as donzelas, simbolizando com isso os três aspectos da forma humana, e adotam como máxima: “Permaneçamos juntos no palácio de nosso pai, e que de agora em diante o amor habite entre nós”.

Esse conto descreve a evolução do buscador tocado pela Luz. Ele sabe que deve encontrar o “pássaro de ouro”, que representa o princípio interior divino, o ponto central do templo microcômico onde é celebrado o verdadeiro serviço divino, o retorno à vida verdadeira. Para tanto, um intermediário, um sacerdote, já não é necessário.

O AUXÍLIO NO CAMINHO

A pessoa que se dirige a esse objetivo, mas que não possui o amor do Pai, permanece, desde as primeiras etapas de seu caminho, ligada à matéria e desperdiça as possibilidades que lhe são ofertadas. Apenas o amor autêntico a Deus e ao homem dá a compreensão e a força para colocar os interesses do eu em segundo plano. Assim são rompidas as resistências da natureza da



Protege os olhos do coração

Protege os olhos do coração de sujeira, pó e sombras. Protege-os das armadilhas, dos redemoinhos e dos reflexos. A sujeira é o visível; o pó é a criação exterior; as sombras são a criação interior. A armadilha é a tentação; o redemoinho é o pecado; os reflexos são as formas das regiões inferiores. E o coração deve permanecer acima de todas essas regiões.

morte e a pessoa recebe auxílio em seu caminho. Esse auxílio é aqui personificado pelo ancião, que representa a Fraternidade.

Caso os preparativos para a viagem estejam bastante avançados, dá-se a descoberta do pássaro de ouro, o princípio da vida superior. Mas, enquanto o homem ainda não for capaz de seguir esse princípio superior de maneira desinteressada, ele sempre será tentado pelo mundo, o que é simbolizado no conto pelo desejo de ter o sabre e a sela. Então, os guardiães, na fronteira do mundo, impedi-lo-ão de dar o passo seguinte. Surgem novas ligações, novo carma, que deve ser neutralizado ou trabalhado.

O FILHO CAÇULA

Os tropeços e os desvios ocasionam as experiências que fazem que o desejo de salvação e a faculdade de discernimento possam aumentar. As forças também sustentam o candidato de maneira contínua até que ele tenha adquirido as novas faculdades da alma.

Os bogomilos identificavam-se com esse filho caçula que, liberto das cadeias do mundo mediante a compreensão dos dois campos de vida, alcançara a vida verdadeiramente divina. Seus irmãos mais velhos, invejosos,

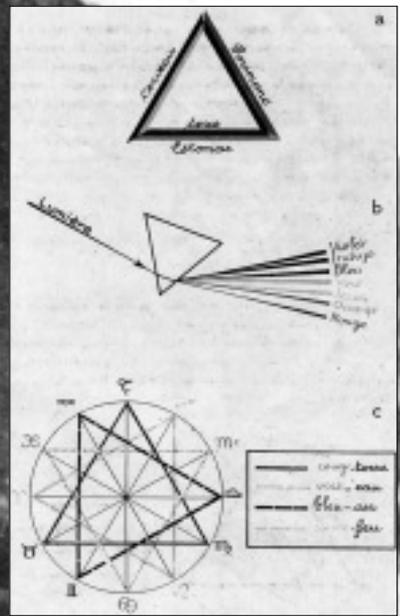
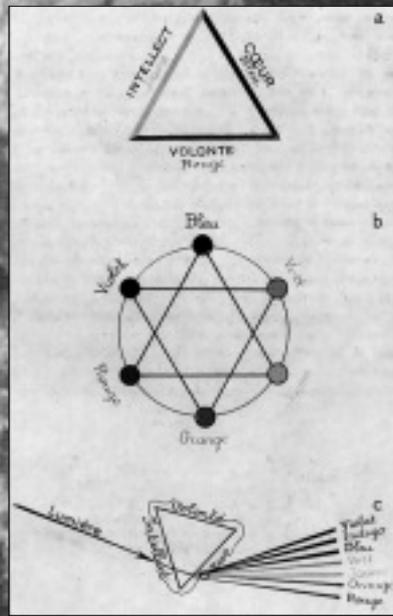
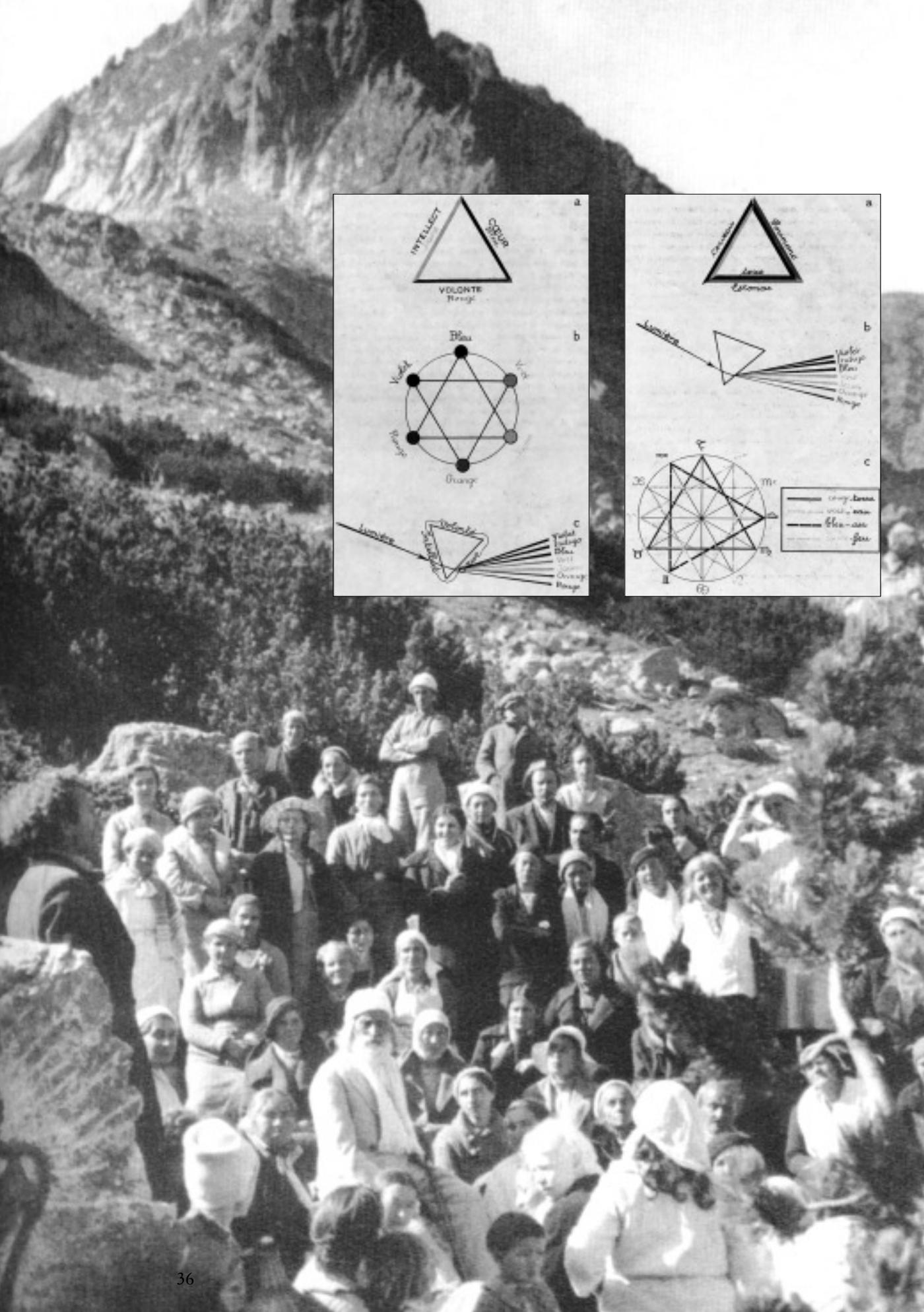
personificam os aspectos da personalidade que querem apropriar-se dos tesouros celestes e nada mais fazem que imitá-los. A traição não teria como permanecer oculta por muito tempo, pois a luz não pode ser morta. O ser humano é sem cessar “despertado” por ela, até o momento em que descobre o caminho da vitória e faz seus aspectos naturais (seus irmãos) participar dele.

Esse conto mostra a realização do caminho pelo buscador individual, mas também é possível descobrir nele a evocação da missão dada pela Fraternidade Universal à Igreja dos bogomilos: reconduzir à igreja o pássaro de ouro do “Xá da Pérsia” de modo a já não haver necessidade de sacerdotes. Da Pérsia veio a luz dos maniqueus, a Luz do puro amor. Em uma igreja que coloca essa luz em seu centro, cada um é ligado diretamente, e todo intermediário é supérfluo.

A luz divina é unidade e amor, unidade na qual ela não pode fazer outra coisa senão atrair para si todos os irmãos extraviados, todos os microcosmos. A imitação de Cristo era a tarefa dos bogomilos: “Amar o mal bem”.

BIBLIOGRAFIA

Hörger, M., *Der Verschleierte. Märchen Von Ketzen und Verfemten* (O velado. Histórias de heréticos e banidos). Frankfurt: Fisher, 1991.



Peter Deunov e seus alunos nos montes Rila. Deunov explica a relação existente entre os sete raios e as sete cores com os homens. Sobre a pedra comemorativa de 1930 (à direita): "Irmãos e irmãs, mães e pais, amigos e estranhos, instrutores e alunos, pajens e mestres: na qualidade de servidores da vida, abri vosso coração ao bem e sede como esta fonte". © *No caminho da luz*, Bialo Bratsvo, 2000.



A OBRA DE PETER DEUNOV

"Eu creio no amor e na sabedoria, que criaram o mundo. Creio que eles possuem a força para recriar o mundo. Creio que o amor e a sabedoria viventes podem transformar nossa vida, nossa sociedade e nosso lar. Se aceitarmos o amor e a sabedoria, a verdade e a justiça virão. Os anjos desceram do céu e fizeram amadurecer os bons frutos em nossa alma. Eu vos digo: Deus habita em mim e eu habito em Deus. Se não crerdes nisso, não me sentirei ofendido. Vós me perguntais por que vim à terra e o que desejo. Quero acender as lâmpadas apagadas e fazer-vos brilhar como uma pequena vela ou uma tocha. Não prego nenhuma libertação. Eu prego como fazer a vontade de Deus na terra. Eu prego a via sobre a qual realizar a vontade do Deus vivo, segredo de vossa libertação. Ela vos dará o sentimento de serdes irmãos e irmãs, e vos preparará para a vida que vos espera após vossa existência terrestre. É inútil vos deixardes hipnotizar por minha pessoa e minhas declarações. O importante é aceitar o ensinamento. Se a isso vos aplicardes, todos os vossos

problemas serão resolvidos. Aquilo que sou não importa. O que importa é o que recebeis de mim. Graças a Deus, encontrastes uma fonte que flui. Nada digais acerca da parte que eu possa ter nisso. Somos chamados de "os deunovistas". Isso é um erro. Eu prego o amor de Deus. Não digais que minhas prédicas são a invenção de um certo Deunov, mas que este ensinamento emana da Fraternidade da Luz. Amanhã virá outro com outro nome. A grandeza dos que vieram a este mundo está em que eles transmitiram a verdade que Deus lhes revelou.





Se credes que podeis fazer distinção entre o mestre e Deus e entre Deus e o mestre, então não compreendestes a lei. Se o mestre pensa que pode agir fora de Deus, por certo ele segue uma pista falsa. O único mestre que ensina o homem é Deus, e para fazê-lo ele toma uma forma ou outra. Desse modo,

ele é tanto visível quanto invisível. Não é a mim que deveis seguir, mas sim o amor de Deus. Existe algo estranho no mundo: o divino. E o divino é o que vos quero transmitir e fazer-vos compreender. Para isso, é necessário penetrar no reino do amor. Não se trata de meus pensamentos, mas dos pensamentos divinos. Eles eram antes da criação do mundo e são, portanto, uma manifestação de nós mesmos. Mesmo o menor impulso para o bem é a linguagem de Deus. Com frequência me perguntam o que contém o ensinamento que transmito, e eu respondo: "Trata-se do ensinamento da natureza viva, que contém em si toda a força vital, com a qual se ocupa a ciência. É a ciência do homem, a ciência do que é racional no mundo. É a ciência de Deus, a ciência do amor!"

Deunov sublinhava com frequência a futura importância crucial do amor:

O amor é necessário para salvar o mundo. Ele é a única força que pode engendrar a paz entre os povos e as nações. Cada um tem uma missão a cumprir na terra. O amor começa a surgir; a bondade, a justiça e a luz triunfarão; é apenas uma questão de tempo. As religiões terão de purificar-se; elas sempre conservaram algo do divino, porém, as reiteradas concepções humanas o obscureceram. Todos os crentes devem juntar-se e unir-se sob um único princípio: que o amor seja o fundamento de sua fé, qualquer que seja ela. O amor e a fraternidade devem ser o ponto de partida de todas as crenças.

va Iorque. Em 1895 voltou à Bulgária, onde recusou ofertas de emprego para poder tornar-se professor e predador teosófico.

Em 1897, empreendeu seu próprio trabalho espiritual e publicou um escrito intitulado *Chamado a meu povo*. Em 1900 fundou a *Fraternidade Branca Universal*, cujo fundamento era amor, sabedoria e verdade. A partir desse momento, ele passou a viajar pelo país inteiro a fim de transmitir seu ensinamento e curar os homens. A cada ano que passava, um número cada vez maior de pessoas vinha a seus congressos. A Igreja acompanhava suas atividades com certa inquietude e acabou por excomungá-lo. Ele passou a morar em Sofia, onde reuniu aos poucos uma comunidade e passou a dar conferências com regularidade. Todos os anos eram realizadas reuniões e conferências no mês de agosto nos Montes Rila, junto aos Sete Lagos Sagrados.

Em 1914, intimado a residência forçada em Varna, teve uma visão de Cristo, a quem consagrou, a partir de então, toda sua vida. Mais tarde ele declararia: "O que Cristo disse e o que

À direita: Também para Deunov o pentagrama representa as realizações do novo homem: amor, sabedoria, verdade, justiça, virtude.

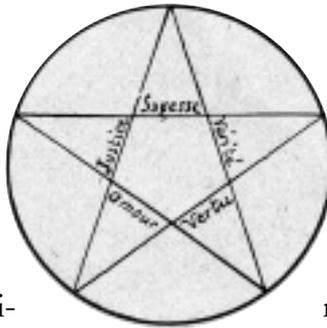
Sempre foi dito que os bogomilos reapareceram com Peter Deunov (também conhecido como Beinsa Douno) e sua obra. Filho de um padre ortodoxo, ele nasceu em 1864, num pequeno vilarejo não muito distante do Mar Negro. Em 1888, foi aos Estados Unidos para estudar teologia e medicina nas universidades de Boston e de No-

eu digo hoje provêm de uma única e mesma fonte”.

No decorrer de sua existência, Peter Deunov presidiu numerosas conferências. Como tantos outros dirigentes espirituais do início do século XX, ele também viu as grandes possibilidades da nascente era de Aquário. Em sua visão, essa era teria começado em 1914, e ele considerava seu dever acompanhar esse novo ciclo espiritual. Em 1922, formou uma escola e começou a fazer palestras públicas. Ao mesmo tempo, organizou, todos os anos, um congresso de verão, exceto em 1927, quando as autoridades proibiram as grandes reuniões dessa Fraternidade.

Peter Deunov foi um homem carismático talentoso, um místico que, com seu ensinamento, tentou reviver o cristianismo original. Em sua opinião, esse ensinamento, aniquilado no decorrer dos séculos, havia se tornado inacessível às pessoas comuns. Porém, o mais importante era o amor, sobre o qual ele dizia: “Com base no verdadeiro amor é possível ver Deus em tudo, até mesmo na coisa mais ínfima. O ser humano deve tornar-se uma fonte, um sol, um espaço imenso onde tudo deve ter seu lugar. O amor divino é a pedra filosofal, o elixir da vida”. Deunov foi músico e compôs hinos maravilhosos e muito tocantes. Ele inventou, também, a “paneurritmia”, uma série de danças sacras que favorece o crescimento espiritual.

A Segunda Guerra Mundial teve repercussões na Bulgária. Este país fazia parte das Potências do Eixo, que apoiavam a Alemanha. Aproximadamente quatro meses antes do Dia D, no início de 1944, Sofia foi bombar-

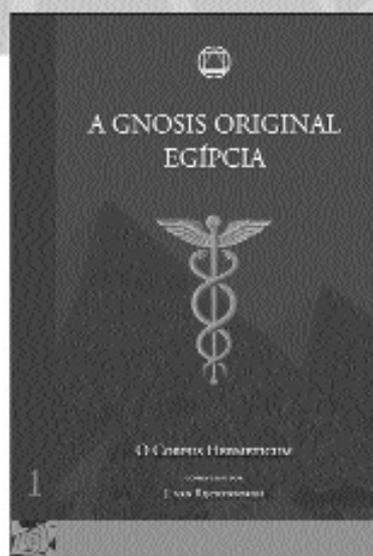


deada e Deunov refugiou-se nos montes Vitosha. Algum tempo depois, nesse mesmo ano, ele disse a um de seus alunos que sua tarefa na terra havia terminado e que logo morreria, o que aconteceu em 27 de dezembro às 6 horas da manhã, tendo ele nos lábios o esplêndido “aum” em sânscrito.

Dois dias depois, as autoridades comunistas vieram para prendê-lo e talvez executá-lo. Em seu túmulo, fora da capital, não se vê nenhum nome, apenas um pentagrama no interior do qual estão gravadas as seguintes palavras: “Amor, Sabedoria, Verdade, Justiça, Virtude”, o legado de uma grande alma.

*O aluno vive na luz,
único mundo verdadeiro.
A sombra não é real.
Busca a luz sem sombra alguma.
Repele todo pensamento,
todo sentimento que, por natureza,
obscurecem tua consciência.
O puro amor humano
leva ao sofrimento,
o sofrimento cria a experiência,
a experiência produz o discernimento,
o discernimento gera a sabedoria,
a sabedoria conduz à verdade.
O amor humano é mutável e muda,
o amor espiritual muda sem mudança,
o amor divino não é mutável,
e não muda, apenas se desenvolve.
Deves primeiro amar todas as coisas;
ter amor por tudo, e amar cada coisa.
Se receberes o amor cósmico,
amarás todos os seres,
e a unidade de toda a vida
será tua realidade.*

Peter Deunov



A GNOSIS ORIGINAL EGÍPCIA

Tomo 1

O CORPUS HERMETICUM
comentado por J. van Rijckenborgh

No Egito antigo, Hermes Trismegisto revelou o conhecimento sobre a verdade eterna, a Gnosis, em textos como o *Corpus Hermeticum* e a *Tabula Smaragdina*, que influenciaram de forma determinante toda a história espiritual do Ocidente.

J. van Rijckenborgh, nos quatro tomos da *Gnosis original egípcia*, torna acessível ao leitor moderno esse conhecimento hermético. Ele mostra que todo o conhecimento gnóstico verdadeiro do período atual da humanidade pode ser encontrado na Gnosis original egípcia e que a única libertação possível é a ressurreição do verdadeiro homem divino que vive com a consciência iluminada por Deus, razão por que a Bíblia testemunha: “Do Egito chamei meu filho”.



EDITORA
Rosacruz

EDITORA ROSACRUZ
Caixa Postal 39 – 13.240.000 – Jarinu – SP – Brasil
Tel (11) 4016.1817 – fax 4016.5638
www.editorarosacruz.com.br – info@editorarosacruz.com.br

2ª ed. - agosto de 2006 - 272 págs.
ISBN 85 88950 35 9